ANTROPOCENO, SOJA E POPULAÇÕES TRADICIONAIS NO OESTE DE SANTA CATARINA

GABRIEL ARTUR ROESLER¹, CLAITON MARCIO DA SILVA²

1 Introdução

Buscando uma abordagem que relaciona o global e o local, este projeto visa demonstrar como a modernização da agricultura alterou o panorama socioambiental – forma qual sociedade e meio ambiente interagem – da região, não limitando-se apenas à inserção de insumos e agrotóxicos, mas um extenso processo de estruturação de agências públicas e privadas, de formação de agricultores voltados à estas práticas e de consolidação de modelos de produção voltados à monocultura, como soja, milho e trigo por exemplo. Tal processo integrou a produção familiar local junto à crescente agroindústria, diminuindo a produção autônoma de produtos agrícolas (ESPIRITO SANTO, 1999). Portanto, houve a inserção desta região em um modelo nacional e global de desenvolvimento, sobretudo após a década de 1960.

Pretendemos pontuar a atualidade e a importância de estudar como estes fatores advindos da revolução verde se inserem em processos globais de mudança – o Antropoceno, buscando demonstrar as resistências, mas também a permanência de certos princípios envolvidos no agronegócio. Como nos lembra Jason Moore, o conceito de Antropoceno foi formulado por Crutzen e Stoermer no ano 2000, surgindo a partir de uma eminente e razoável questão: a biosfera e o tempo geológico foram transformados fundamentalmente pela atividade humana. Desta forma, uma nova conceptualização do tempo geológico – que incluía a ideia de humanidade – como uma grande força geológica, foi necessária (MOORE, 2016).

A chamada “revolução verde” é a principal conexão do chamado “Sul Global” com o Antropoceno. Tal revolução se caracteriza pela utilização de “pacotes tecnológicos” de suposta aplicação universal, que objetivaram aumentar a produção agrícola mundial, com a maximização dos rendimentos dos cultivos em distintas situações ecológicas. Teoricamente, a revolução verde buscou elevar ao máximo a capacidade potencial dos cultivos, buscando gerar

---

¹ Graduando do curso de História pela Universidade Federal da Fronteira Sul, campus Chapecó, Laboratório Fronteiras, contato: gabriel.roesler534@gmail.com

² **Orientador.** Doutor em História das Ciências. Professor do Curso de História e do PPGH da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), campus Chapecó.

as condições ecológicas ideais para o aumento da produtividade, o afastamento de predadores naturais via utilização de agrotóxicos, e a utilização de sementes transgênicas bem como outros insumos. (MATOS, 2010).

O impacto deste processo, não foi apenas sobre o aumento da produção de alimentos, mas na própria reorganização da produção agrícola e do mundo natural. Se os ideais da revolução verde eram, inicialmente, alimentar uma crescente população mundial (UMAÑA, 2012), este processo tornou-se complexo e gerou expropriação e escassez de alimentos para populações tradicionais em todo o planeta. A introdução de máquinas agrícolas, assistência técnica e crédito supervisionado aumentou consideravelmente a produção agrícola na região de nosso estudo, servindo como base para a produção agroindustrial, uma das marcas da região. Porém, o mesmo processo aumentou as desigualdades iniciadas com o processo de expropriação de caboclos e indígenas a partir da chegada das companhias colonizadoras na década de 1920.

Desta forma, se por um lado o aumento da produção agrícola incentivou um modelo de desenvolvimento regional, por outro lado fez uso de agrotóxicos e aumentou outros problemas ambientais ligados à produção de suínos e aves (FORNECK, 2015), concentrou uma grande população nos centros urbanos e vem sendo questionado sistematicamente também em função da necessidade de construção de usinas hidrelétricas com o intuito de dar suporte energético aos processos de modernização. Neste contexto de formação histórica, muitos movimentos sociais foram originados, resultantes de um processo de disputa pela terra, envolvendo formas diferenciadas de ocupação e uso da mesma.

No entanto, se as disputas são históricas, marcadamente existindo desde o avanço das frentes de ocupação nacionais no século XIX pelos Campos de Guarapuava e Palmas (D'ANGELIS, 2006), pela ocupação da terra por empresas colonizadoras, e por outros processos, a denominada revolução verde também impactou fortemente na região, como parte do processo de liberação do “excedente” de mão de obra para o trabalho nos centros urbanos, principalmente na atividade agroindustrial, assim como também provocou mudanças dramáticas na paisagem rural, com a implantação do modelo de monocultura com alto uso de agrotóxicos (CORAZZA, 2016).

A revolução anteriormente mencionada, modificou significativamente a paisagem regional, através do aumento da produção de grãos, pecuária, assim como outros aspectos. A

introdução de hidrelétricas, agrotóxicos, uma agropecuária de larga escala – caracterizada através da monocultura ou de animais “selecionados” – é um dos fenômenos que compõe o Antropoceno e que merece a atenção dos historiadores, principalmente no que se refere ao entendimento de como as diferentes ciências narram as mudanças regionais.

Este projeto se justifica por apresentar dois tipos de contribuição, uma historiográfica e outra social. Referente à produção historiográfica, sua contribuição é buscar interpretar a história da modernização agrícola regional através da introdução de conceitos recentes, como o de Antropoceno, abrindo uma agenda de pesquisa que possa renovar os estudos sobre a experiência regional. Em seu aspecto social, o projeto contribui visando o levantamento de dados quantitativos e qualitativos que estarão disponíveis para outros pesquisadores e agentes sociais com o objetivo de embasar suas ações no que se refere à construção de políticas públicas regionais – através dos laboratórios vinculados ao projeto.

2 Objetivos

O objetivo central deste projeto é identificar quais fatores historicamente impulsionam o Oeste Catarinense em direção ao Antropoceno na América do Sul, abordando como a criação de um complexo agroindustrial a partir da revolução verde gerou uma série de mudanças no panorama socioambiental e na paisagem do meio ambiente, e que podem ter (mesmo que pequena) influência nas mudanças globais.

3 Metodologia

Escrevendo sobre a história ambiental do café nas Américas, Stuart McCook alerta aos demais historiadores tanto de commodities quanto das doenças para que evitem a supervalorização de determinada mercadoria ou doença nos processos de mudanças históricas. A preocupação dos produtores de café, continuando com o historiador, também esteve relacionada a outros fatores, como geadas ou secas, por exemplo: “Cada um desses fatores oferece aos historiadores diferentes pontos de vista a partir dos quais a história ambiental do café pode ser estudada”. Desta forma, pensando na perspectiva do estudioso, a análise deste projeto deverá levar em conta a relação entre as diversas commodities e a adaptação destas ao ambiente, bem como as inovações produzidas e as mudanças provocadas por esta intervenção. (MCCOOK, 2002)

A partir do texto de Fischer (2018), a solução metodológica oferecida pelo autor para a escrita de uma história da Grande Aceleração/Antropoceno objetiva perceber as experiências em escala menor geralmente ausentes das abordagens em macro escala:

Essas histórias mundiais da Grande Aceleração têm o mérito indubitável de inspirar um novo e radical materialismo na nossa percepção do mundo moderno, mas o seu potencial de inovação narrativa é limitado, porque não tangem a escala de experiência e agência humana. Mesmo assim, o conceito de [Grande] Aceleração nos permite descer da altitude dos pássaros, ou satélites, para focarmos em um problema central da condição antropocênica, já que abre espaço para perguntas como: o que é acelerado, como, por quem, com quais ferramentas técnicas, econômicas, políticas, discursivas? Se o Antropoceno é o resultado de todas as acelerações, das novas formas dos humanos disporem de ambientes não-humanos, proponho uma análise a partir de lugares concretos. A expectativa é a de que, através da reconstrução de microescalas e o seu entrelaçamento com escalas meso e macro, seja possível construir alternativas ao roteiro hermético e linear da narrativa do Antropoceno e reconectá-lo com as escalas de experiência e agência humanas como parte de uma História Global das Acelerações (FISCHER, 2018, p. 447).

A proposta metodológica sugerida por Fischer facilita se pensar outras dinâmicas das grandes mudanças que, necessariamente, seriam omitidas nas grandes narrativas. Desta forma, este projeto busca uma leitura de fontes primárias de pesquisa buscando interpretá-las a partir da ideia de Antropoceno: jornais, relatórios científicos, boletins técnicos, estatísticas agrícolas e planos de desenvolvimento (em nível nacional, estadual e regional).

4 Resultados e Discussão

Durante o desenvolvimento do subprojeto, esperamos alcançar resultados em três níveis: formação de recursos humanos para pós-graduação (bolsista); levantamento de dados; e publicação. Desta forma, pretendemos expandir a pesquisa de fontes primárias relativas à revolução verde e do Antropoceno, formando um banco de dados para futuros projetos de pesquisa de pesquisa, TCC e/ou de Mestrado.

5 Conclusão

O principal resultado esperado deste projeto consistiu na escrita e submissão de um artigo científico, visando publicação em revista qualificada (Qualis A ou B) e/ou de impacto internacional. Além disso, editamos um livro em inglês intitulado “The Age of Soybean”, articulando pesquisadores de diversos países.

Referências Bibliográficas

CORAZZA, Gentil. Fronteira Sul: traços da formação econômica. In: RADIN, José Carlos; VALENTINI, Delmir José; ZARTH, Paulo Afonso. **História da Fronteira Sul**. 5ª ed.

Chapecó: UFFS Editora, 2015. cap 14, p 298-317. Disponível em: <https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/734>. Acesso em: 15 de ago. 2022.

D'ANGELIS, Wilmar. Para uma história dos índios no Oeste Catarinense. **Cadernos do Ceom**, Chapecó, v. 19, n. 23, p.265-343, jul. 2014. Disponível em: <http://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/2106>. Acesso em: 15 de ago. 2022.

ESPÍRITO SANTO, Evelise. **A Agricultura no Estado de Santa Catarina**. Chapecó: Grifos, 1999.

FISCHER, Georg. Acelerações em escala regional: A transformação do vale do Rio Doce, ca. 1880-1980. **Varia hist.** 2018, vol.34, n.65. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-87752018000200007>. Acesso em: 15 de ago. 2022.

FORNECK, Elisandra. **Formar um novo sujeito**. Educação técnica e cooperativa na Cooperalfa (1977-1996). Florianópolis: UFSC, 2015. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/169438>. Acesso em: 15 de ago. 2022

MATOS, Alan. Revolução verde, biotecnologia e tecnologias alternativas. In: **Cadernos da FUCAMP**, v.10, n.12, p.1-17, out. 2011. Disponível em: <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/134>. Acesso em: 15 de ago. 2022.

McCOOK, Stuart. **States of Nature: Science, Agriculture, and Environment in the Spanish Caribbean, 1760-1940**. Austin: University of Texas Press, 2002.

MOORE, Jason. Anthropocene or Capitalocene? Nature, History, and the Crisis of Capitalism. **Sociology Faculty Scholarship**, 2016.

UMAÑA, Wilson. **Conexiones de la Revolución Verde**. Estado y cambio tecnológico en la agricultura de Costa Rica durante el período 1940-1980. Tese (Doutorado em História) - Universidade de Santiago de Compostela. Espanha, 2013. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10347/7240>. Acesso em: 15 de ago. 2022

Palavras-chave: Antropoceno; História Ambiental; Oeste Catarinense

Nº de Registro no sistema Prisma: PES-2021-0393

Financiamento: Grupo 3 - EDITAL Nº 121/GR/UFFS/2021